

“FRANCISCO: HOMEM DE PAZ, IRMÃO DE TODOS”

ABERTURA DO 8º CENTENÁRIO DO TRÂNSITO DE SÃO FRANCISCO

Basílica Papal de Santa Maria dos Anjos, na Porciúncula
10 de janeiro de 2025

Boas-vindas

Palavras de boas-vindas: O custódio da Porciúncula inicia este momento com algumas palavras, enfatizando o significado do lugar (“Aqui Francisco encontrou seu Senhor”), a importância do centenário e o convite para entrar em profunda comunhão espiritual com o Santo.

A Assembleia já está reunida.

O Presidente do rito, Frei Francesco Piloni, Ministro Provincial dos Frades Menores da Úmbria e Sardenha, entra em procissão com os seis Ministros Gerais. O Presidente toma seu lugar. Os seis Ministros Gerais permanecem ao lado.

Liturgia da Luz

P/. Em nome do Pai, do Filho e do Espírito Santo.

A/. Amém.

P/. Que o Deus da esperança, que nos enche de toda alegria e paz na fé pelo poder do Espírito Santo, esteja convosco.

A/. E com o vosso espírito.

Narrador: O Bispo de Assis, Sua Excelência Domenico Sorrentino, e o Prefeito de Assis, Walter Stoppini, seguem em procissão em direção à Capela do Trânsito, segurando uma vela nas mãos. Este gesto está carregado de significado: a vela representa a luz de Cristo Ressuscitado, mas também a luz da paz e do perdão, em referência direta ao versículo "Perdono" do Cântico das Criaturas. O Podestà de Assis e o Bispo Guido II estão em conflito, e toda a cidade é afetada por esse clima de discórdia. Portanto, Francisco pede a seus frades que cantem o Cântico aos dois governantes, e assim acontece o milagre da reconciliação e da harmonia. Este evento culminará na inclusão do versículo: "Bem-aventurados os que perdoam por amor a Ti...". Esta é uma ligação visível entre o Centenário do Cântico das Criaturas, recentemente concluído, e o Centenário do Trânsito, que começa hoje.

Acendimento da Vela Pascal na Capela do Transitus: O Bispo e o Prefeito irão à Capela do Transitus. Ali, uma vela pascal os aguarda, símbolo de Cristo Ressuscitado e da vida eterna. Desta vela, eles farão acender a luz.

Narrador: O Ícone do Mestre de São Francisco é a imagem mais antiga do Santo conservada na Porciúncula. Originalmente colocado na Capela do Transitus, encontra-se atualmente em exposição no Museu do Santuário. Este painel continha os restos mortais do Pai Seráfico e foi o suporte que o trouxe à cidade de Assis para seu primeiro sepultamento, enquanto aguardava a construção da Basílica dedicada a ele. Por volta de 1255, o Mestre de São Francisco foi incumbido de transformar o painel em uma oração visível e, ao longo dos séculos, tornou-se uma das obras mais significativas no panorama da arte sacra. "Aqui foi meu leito, tanto na vida quanto na morte!" A inscrição no livro que repousa nas mãos de São Francisco refere-se à sua profunda experiência da Cruz de Cristo e a este painel, o leito usado diversas vezes pelo santo durante sua vida e no momento de sua Bem-

Aventurada Transladação. Esta relíquia/relicário deve ser considerada um verdadeiro lugar de revelação (*locus theologicus*). As cores, as formas e o talento do artista tornam-se um meio de revelar algo do mistério de Deus. O que está representado aqui de São Francisco é a obra do Espírito Santo dentro dele, uma carne transfigurada que revela a experiência de Deus e a plenitude da obediência à Sua vontade. São Francisco alcançou o Reino; Sua jornada terrena está completa, e ele nos aponta para o objetivo e a plenitude da vida em Cristo.

"O ícone é a imagem do homem em quem a graça santificadora do Espírito Santo, que incinera as paixões, está verdadeiramente presente. Por essa razão, sua carne é representada como substancialmente diferente da carne comum e corruptível do homem. O ícone é uma transmissão sóbria, fundada na experiência espiritual e absolutamente desprovida de qualquer exaltação de uma realidade espiritual. Se a graça ilumina o homem por inteiro, de modo que todo o seu organismo espiritual, mental e físico esteja envolto em oração e habite na luz divina, então, evidentemente, o ícone reproduz esse homem, que se tornou um ícone vivo, uma imagem de Deus."

[Leonid Uspensky, pintor e historiador da arte]



Mestre de São Francisco (ativo na Úmbria na segunda metade do século XIII),
São Francisco entre Dois Anjos, cerca de 1255.
Ouro e têmpera sobre painel de pinho. Moldura: ouro e vidro sobre madeira de álamo.
Localização atual: Museu da Porciúncula.

As Seis Etapas do Legado de Francisco

Narrador: A vida cristã não é apenas uma jornada individual, mas um chamado para viver o Evangelho em comunidade. Neste momento, somos chamados a olhar para nossos irmãos e irmãs com os olhos de Cristo. A partir deste instante, iniciamos nossa jornada espiritual no Santuário, que será dividida em seis momentos distintos. Uma delegação nos conduzirá pelas naves laterais da Basílica, idealmente refazendo as passagens cruciais do Testamento que São Francisco deixou aos seus frades antes de sua morte. Essas meditações, que vivenciaremos juntos, nos ajudarão a refletir sobre o legado espiritual que o Pobrezinho de Assis desejou deixar: um recurso vivo para cada um de nós hoje. O primeiro momento de reflexão e oração, intitulado "Misericórdia", ocorrerá na nave lateral direita, em frente à evocativa Capela da Natividade.

A assembleia permanece em seus lugares. No horário marcado, o Presidente e os seis Ministros Gerais conduzirão a peregrinação, caminhando juntos em direção às seis estações designadas nas naves laterais da Basílica. Os passos dados por eles, como uma única delegação, inauguram a jornada espiritual em nome de todas as Famílias Franciscanas do mundo. A assembleia é chamada a acompanhar este gesto com participação, unindo-se espiritualmente aos seus passos, que marcam o início do nosso ano comum de graça.

1º Momento: MISERICÓRDIA

Do Testamento de São Francisco (Testamentos 1-3)

O Senhor me deu, Frei Francisco, para começar a fazer penitência desta maneira: quando eu estava em pecado, parecia-me amargo demais ver os leprosos, e o próprio Senhor me conduziu até eles, e eu lhes mostrei misericórdia. E, à medida que me distanciava deles, o que me parecia amargo transformou-se em doçura da alma e do corpo. E depois, fiquei um tempo e deixei o mundo.

Da Primeira Vida de Tomás de Celano

[1Cel 17]

Então, como um verdadeiro amante da perfeita humildade, o santo foi até os leprosos e viveu com eles, para servi-los em tudo por amor a Deus. Ele lavou as partes putrefatas e até enxugou o sangue contaminado das feridas ulceradas, como ele mesmo diz em seu Testamento: "Quando eu estava em pecado, parecia-me amargo demais ver leprosos, e o próprio Senhor me conduziu até eles, e eu lhes mostrei misericórdia". A visão de leprosos, de fato, como ele disse, era antes tão insuportável para ele que, durante sua vida vã, assim que avistava seus abrigos a três quilômetros de distância, tapava o nariz com as mãos. Mas eis o que aconteceu: numa época em que, pela graça e poder do Altíssimo, já começava a nutrir pensamentos santos e salutares, embora ainda mundano, um dia encontrou um leproso: forçou-se, aproximou-se dele e o beijou. Daquele momento em diante, decidiu desprezar-se cada vez mais, até que, pela misericórdia do Redentor, alcançou a vitória completa.

Narrador: Ouçamos agora as palavras do Irmão Armando Trujillo Cano, Ministro Geral da Ordem Terceira Regular.

Contribuição do Irmão Amando Trujillo Cano, TOR

O santo de Assis, que nos inspirou a viver o Evangelho de Jesus, usou as palavras iniciais de seu Testamento para reconhecer a intervenção de Deus em sua vida. Foi o Senhor quem o convidou a iniciar um caminho de penitência – de conversão – com um coração capaz de acolher a humanidade sofredora, em vez de ignorá-la ou rejeitá-la. Deus já lhe havia mostrado sua misericórdia em meio à angústia espiritual e à doença física (cf. 1 Cel 3, FF 322) e convidando-o a travar uma batalha mais nobre do que a dos poderosos deste mundo (cf. 3 Soc 6, FF 1401). O Senhor também nos convida a vencer a resistência pessoal e comunitária para que possamos alcançar aqueles que carregam feridas dolorosas no corpo e no espírito, excluídos do bem-estar material, cultural e espiritual, para compartilhar com eles a consolação de Deus e o amor de uma comunidade capaz de se tornar próxima (cf. Lc 10,29-37). Hoje também podemos redescobrir constantemente a doçura da alma e do corpo quando somos misericordiosos, como o nosso Pai é misericordioso (cf. Lc 6,36).

Narrador: Para melhor compreender e experimentar em primeira mão como esta Misericórdia se manifesta e opera nas nossas vidas, deixemo-nos agora guiar pelo testemunho direto de uma das nossas irmãs.

Ouçamos o testemunho da Dra. Francesca Di Maolo, Presidente do Instituto Serafíco de Assis.

Testemunho da Dra. Francesca Di Maolo, Presidente do Instituto Serafíco de Assis

Atravessar a porta do Serafíco pela primeira vez nunca é fácil: a diversidade nos assusta e a fragilidade dos outros nos expõe. É assustador nos vermos refletidos nessas feridas, porque significa reconhecê-las dentro de nós. É mais reconfortante nos iludirmos pensando que "isso só aconteceu com eles" e nos sentirmos imunes.

Mas quando encontramos a coragem e cruzamos esse limiar, descobrimos que o sofrimento não nos espera. Os jovens com deficiência nos recebem com um sorriso. A relação com eles é imediata, surpreendentemente simples.

Paramos ao lado de um deles: sentimos sua luta, mas também sua alegria por tudo que preenche suas vidas. Eles não nos mostram suas limitações, mas seus recursos. Participam da vida com seus talentos: ouvem música, pintam cerâmica apesar da imobilidade de seus corpos, deixando gotas de tinta caírem em um vaso girando no torno. Ele passeia pelo parque, empurrado em sua cadeira de rodas, compartilhando cada experiência sensorial com você: o vento carinhoso, o sol que aquece, o canto dos pássaros, o pôr do sol que pinta o céu de vermelho.

De repente, você não é mais um espectador da dor e da alegria do outro: os sentimentos deles agora pertencem a você, como o destino deles. Você se pergunta como isso pôde acontecer e olha para cima: vê pessoas ao lado das crianças do Seráfico, alimentando, acariciando, apoiando, vestindo, consolando, acompanhando. Elas não estão ali simplesmente para trabalhar: são mãos a serviço de um amor maior, que se revela precisamente nessas feridas. Você descobre a beleza e a força da fraternidade, que não é uma ideia, mas uma presença viva nos olhares e gestos que o cercam.

E é então que você não consegue desviar o olhar dos olhos do outro, porque os reconheceu: em seus rostos feridos e naqueles que os ajudam. É nesse momento que você se comove. É nesse momento que sua conversão começa. Você cruzou o limiar e O encontrou, Jesus, em seu irmão ferido e naqueles que têm o privilégio, todos os dias, de servir a um amor infinito.

2º Momento : ORAÇÃO

Do Testamento de São Francisco (Testamento 4)

E o Senhor me deu tal fé nas igrejas que eu simplesmente rezava e dizia: Nós vos adoramos, Senhor Jesus Cristo, em todas as vossas igrejas pelo mundo, e vos bendizemos, porque pela vossa santa cruz remistes o mundo.

Narrador: Francisco, perto da morte, deixou aos seus irmãos um dos dons capazes de transformar completamente um ser humano: a oração. Para ele, cada momento passado com Deus nada mais era do que uma busca constante e apaixonada por uma nova perspectiva, renovada, sobre Deus e sobre os outros. Assim, para Francisco, Deus se torna a totalidade da sua vida, e o homem é quem precisa ser iluminado, preenchido e transformado pela Sua presença. Esta é a oração de "uma alma sedenta de seu Cristo", de uma alma que, na oração, reconhece Deus como Pai, a Igreja como Mãe e todos os outros irmãos e irmãs no caminho para a glória do céu. Ouçamos a experiência do Pai Seráfico:

Da Segunda Vida de Tomás de Celano [2Cel 95]

Quando [...] orava nos bosques e em lugares solitários, enchia as florestas de gemidos, regava a terra com lágrimas, batia no peito com a mão; e ali, como que aproveitando um lugar mais íntimo e privado, muitas vezes conversava em voz alta com seu Senhor: prestava contas ao Juiz, implorava ao Pai, falava com o Amigo, brincava amigavelmente com o Esposo. E, na realidade, para oferecer a Deus num holocausto multifacetado cada fibra do seu coração, considerava Aquele que é supremamente Um sob diferentes aspectos. Muitas vezes, sem mover os lábios, meditava longamente em seu interior e, concentrando suas forças externas, seu espírito elevava-se ao céu. Dessa forma, dirigia toda a sua mente e afeição à única coisa que pedia a Deus: não era tanto um homem que reza, mas sim, ele próprio transformado inteiramente em oração viva.

Narrador: Ouçamos agora as palavras do Frei Carlos Alberto Trovarelli, Ministro Geral dos Frades Menores Conventuais.

Contribuição do Frei Carlos Alberto Trovarelli, OFM Conv

Nas primeiras linhas de seu Testamento, São Francisco confessa o dom da fé como uma iniciativa livre de Deus e situa seu despertar espiritual nas "Igrejas", que são um importante lugar teológico de sua experiência de fé. Para ele, essas igrejas não são simples edifícios, mas sinais sacramentais nos quais ele pode rezar e adorar a Cristo, o Crucificado que "*com sua santa cruz redimiu o mundo*".

Neles, ele descobre a Igreja em oração e a ação do Espírito Santo, cuja graça guia sua mente, coração e alma rumo à experiência da fé. Nesses espaços, mesmo antes da plena consciência eucarística, seu coração aprende a orar, e dessa oração flui sua forma de crença: *lex orandi, lex credendi*.

A aclamação litúrgica "*Nós vos adoramos, Senhor Jesus Cristo, e vos bendizemos, porque pela vossa santa cruz remistes o mundo*" torna-se para ele uma profissão de fé universal. Ao acrescentar "*também em todas as vossas igrejas pelo mundo*", São Francisco estende a sua adoração do local específico para toda a Igreja em todo o mundo.

Onde quer que uma igreja ou uma cruz esteja, ele reconhece uma humilde epifania do Mistério e um convite à adoração. Assim, a oração "na, com e da" Igreja torna-se para Francisco um princípio hermenêutico da fé e um chamado para renovar a nossa vida no Espírito.

Gesto simbólico:

A Cruz de São Damião é colocada na estação litúrgica.

P/. Senhor, nós vos agradecemos pela Santa Igreja. Ela nos acolhe numa grande família e nos acompanha ao longo de nossas vidas, tornando-nos participantes do dom da redenção através dos sacramentos. São Francisco nos deixou um grande exemplo de amor pela Igreja e por todos os seus membros. Como família franciscana, queremos agradecer-vos por este dom com as próprias palavras do nosso Pai Seráfico, São Francisco:

T/. Nós vos adoramos, Senhor Jesus Cristo, aqui e em todas as vossas igrejas pelo mundo, e vos bendizemos, porque pela vossa santa cruz remistes o mundo. Amém [FF 111]

3º Momento: FRATERNIDADE

Do Testamento de São Francisco (Testamento 14)

E depois que o Senhor me deu irmãos, ninguém me mostrou o que eu devia fazer, mas o Altíssimo me revelou que eu devia viver segundo a forma do santo Evangelho.

Narrador: Entremos agora no terceiro momento: Fraternidade. A vida cristã não é apenas uma caminhada individual, mas uma vocação para viver o Evangelho juntos. Neste tempo, somos chamados a olhar para os nossos irmãos com os olhos de Cristo. Ouvimos as palavras do Testamento de São Francisco, que ressoam como um eco do Mandamento do Amor que Jesus deixou aos seus discípulos e que descreve apropriadamente o Evangelho de João.

Leitura do Evangelho segundo João

[Jo 13,1-5.12-16.34-35]

Antes da festa da Páscoa, sabendo Jesus que chegara a sua hora de passar deste mundo para o Pai, tendo amado os seus que estavam no mundo, amou-os até o fim. Durante a ceia, quando o diabo já havia instigado Judas, filho de Simão Iscariotes, a traí-lo, Jesus, sabendo que o Pai lhe havia dado todas as coisas nas mãos, e que viera de Deus e para Deus voltaria, levantou-se da ceia, tirou a sua capa, tomou uma toalha e cingiu-se com ela. Depois, deitou água numa bacia e começou a lavar os pés dos discípulos e a enxugá-los com a toalha com que estava cingido. [...] Depois de lhes ter lavado os pés, vestiu novamente as suas roupas e voltou ao seu lugar, disse-lhes: “Compreendeis o que vos fiz? Chamais-me Mestre e Senhor, e com razão, porque eu o sou. Ora, se eu, sendo Senhor e Mestre, vos lavei os pés, também vós deveis lavar os pés uns dos outros. Porque eu vos dei o exemplo, para que, como eu vos fiz, façais vós também. Em verdade, em verdade vos digo que o servo não é maior do que o seu senhor, nem o enviado maior do que aquele que o enviou. [...] Dou-vos um novo mandamento: que vos ameis uns aos outros. Assim como eu vos amei, que também vos ameis uns aos outros. Nisto todos conhecerão que sois meus discípulos, se vos amardes uns aos outros.”

Narrador: Ouçamos agora as palavras da Irmã Daisy Kalamparamban, Presidente da Conferência Internacional Franciscana dos Irmãos e Irmãs da Ordem Terceira Regular.

Contribuição da Irmã Daisy Kalamparamban, CFI-TOR

Para Francisco, seus irmãos são uma dádiva do Senhor, que lhe revelam seu próprio caminho na vida. E o frade ideal é descrito, antes de tudo, como aquele em quem devem habitar o amor ardente e o zelo fervoroso. E ele disse que um bom frade menor seria aquele que combinasse em si a vida e as atitudes da fé de Bernardo, que ele aperfeiçoara, juntamente com o amor à pobreza e à simplicidade. A pureza de Leão; a cortesia de Ângelo, que ele adornava com toda bondade e gentileza; a aparência atraente e o bom senso de Masseo, juntamente com sua bela e devota fala. A contemplação de Egídio; a oração virtuosa e incessante de Rufino [...]; a paciência de Junípero, juntamente com a renúncia à sua própria vontade e o ardente desejo de imitar Cristo seguindo o caminho da cruz, etc.

Para Francisco, o frade ideal deveria ser a soma viva desses aspectos da mesma vocação. Assim, São Francisco nos convida a sermos impactados por Cristo, a entrarmos em um relacionamento com Ele em diversas formas de interação pessoal, e nos ensina que a verdadeira riqueza se encontra no amor, na partilha e na gratidão pelo dom da vida fraterna. Seu exemplo nos ajuda a olhar o mundo com novos olhos, reconhecendo em cada criatura o reflexo de um amor maior, e a redescobrir a fraternidade universal e viver em harmonia com todos.

Narrador: O Evangelho nos lembra que o amor mútuo é a marca daqueles que seguem a Cristo. Não um amor genérico, mas um amor que se torna serviço, aceitação e perdão. Agora, queremos traduzir este Novo Mandamento em um gesto simples, porém poderoso. Ofereçamos uns aos outros o sinal da paz, comprometendo-nos a construir juntos essa unidade alegre e doce. É o ato de reconhecer no outro, ao nosso lado, um irmão amado por Deus.

Gesto Simbólico: Troca de paz entre todos os fiéis.

4º Momento: TRABALHO

Do Testamento de São Francisco (Testamento 20)

"Trabalhei com as minhas mãos e quero trabalhar; e desejo firmemente que todos os irmãos trabalhem com honestidade."

Narrador: Para São Francisco, a possibilidade e a capacidade de trabalhar são um elemento importante na caminhada rumo à fraternidade universal. O trabalho dá dignidade e sustento àqueles que o realizam com honestidade e profissionalismo, mas também deve ser considerado um meio privilegiado de contribuir para o bem comum e de alcançar o próximo. Trabalhar também nos permite não desperdiçar nossos dias em atividades ociosas que podem se tornar fonte de desconforto para nossas vidas e para toda a comunidade.

Da Segunda Carta de São Paulo aos Tessalonicenses

[2Ts 3,6-15]

Irmãos e irmãs: Exortamos-vos, em nome de nosso Senhor Jesus Cristo, a que vos afasteis de todo irmão que leva uma vida desordenada, não conforme a tradição que recebestes de nós. Pois vós mesmos sabeis como deveis imitar-nos: não fomos ociosos entre vós, nem comemos o pão de ninguém de graça; antes trabalhamos arduamente dia e noite, para não sermos um peso para nenhum de vós. Não que não tivéssemos o direito de o fazer, mas para vos oferecermos como exemplo a imitar. Pois, quando estávamos convosco, sempre vos demos esta ordem: se alguém não quiser trabalhar, também não coma. Ouvimos dizer que alguns de vós levam uma vida desordenada, não fazendo nada e estando sempre ocupados. Exortamos tais pessoas no Senhor Jesus Cristo e ordenamos-lhes que ganhem o seu pão trabalhando em silêncio. Mas vós, irmãos, não vos canseis de fazer o bem. Se alguém não obedecer ao que dizemos nesta carta, reparem nele e afastem-se dele, para que se envergonhe. Não o tratem como inimigo, mas admoestem-no como a um irmão.

Narrador: Ouçamos agora as palavras de Tibor Kauser, Ministro Geral da Ordem Franciscana Secular.

Intervenção de Tibor Kauser, OFS

O trabalho é uma dádiva, trabalhar é uma graça. "*O Senhor nos concedeu a graça de trabalhar*" (RB Cap V: FF 88). Todos aqueles que a possuem "*devem considerar o trabalho uma dádiva e uma participação na criação, redenção e serviço da comunidade humana*" — diz nossa Regra (Regra 16 da OFS). Somente aqueles que sofreram com a sua ausência podem apreciá-la verdadeiramente. Portanto, devemos fazer tudo o que ajude cada pessoa a ter um emprego, porque "os homens e as mulheres se alimentam do trabalho: através do trabalho são "*ungidos de dignidade*" (Visita Pastoral do Santo Padre Francisco a Gênova, Encontro com o Mundo do Trabalho, Discurso do Santo Padre na Fábrica da Ilva, sábado, 27 de maio de 2017).

Este não é um privilégio de poucos, mas um dever de todos: ajudar os homens e as mulheres a terem um trabalho digno, para poderem sustentar suas famílias. Porque "através do trabalho, o homem provê habitualmente o seu próprio sustento e o da sua família, comunica-se com os outros, presta um serviço aos seus semelhantes e pode praticar a verdadeira caridade e colaborar ativamente na consumação da criação divina" (GS 67). Todos nós que trabalhamos devemos ter consciência de que, pela forma como trabalhamos, damos o exemplo e não apenas afastamos a ociosidade (cf. FF 119), mas somos colaboradores de Deus na criação. Que graça é trabalhar com Deus! Trabalhamos com as nossas mãos, com os nossos mentes, nossos corações, enquanto Deus trabalha em nós. Desta forma, "trabalhando nos tornamos mais humanos, nossa humanidade floresce, os jovens se tornam adultos somente pelo trabalho" (Dilexi te, 115). Se fizermos isso e oferecermos nosso trabalho a Deus, participamos da própria obra redentora de Cristo (cf. GS 67). E esta é a nossa tarefa e o nosso dever: nada mais, nada menos.

Narrador: A vocação cristã se traduz em trabalho e serviço concretos, e para experimentar em primeira mão o amor expresso pela dedicação, nos deixaremos agora guiar pelo testemunho direto de um de nossos irmãos. Ouçamos atentamente o testemunho de Carlo Bennato Lauro, professor do IRC.

Testemunho de Carlo Bennato Lauro, professor do IRC

O trabalho é uma realidade humana essencial e também um caminho para a santidade para cristãos e franciscanos seculares. A Sagrada Escritura e os escritos de São Francisco apresentam o trabalho como uma graça, na qual somos chamados a colaborar com a ação criadora de Deus. Qualquer trabalho, manual ou não, tem essa beleza, e se realizado com empenho, honestidade e para o bem comum (Centesimus Annus 31), o ensino torna-se cada vez mais parte da nossa identidade pessoal.

Na minha profissão como professor de religião do ensino secundário e como franciscano secular, vivencio o ensino como uma dádiva, retribuindo-a com paixão e sacrifício pelo bem dos meus alunos. Ensino há vinte anos e, em escolas itinerantes, deparei-me com uma variedade de situações, algumas desafiadoras e outras nem tanto, mas cada uma delas enriqueceu o meu aprendizado para abraçar o ensino como uma missão. O que importa não é apenas transmitir o conteúdo da matéria, mas também combiná-lo com sementes de amor, esperança e confiança.

Hoje, após vários anos de experiência, vejo crescer a solidão, a desorientação, o individualismo e o isolamento nos jovens. Precisamos despertá-los desse torpor, oferecendo-lhes proximidade e afeto, mas também firmeza, para ajudá-los a descobrir a sua identidade. Quantos jovens encontro com problemas familiares que aumentam o seu desconforto e solidão, ou com pais autoritários que aumentam a ansiedade dos seus filhos?

Diante dessas realidades, é fácil sentir-se perdido e desamparado, e eu não me sentirei. Nego que muitas vezes me sinto assim, mas não se pode desistir. A rendição não prevalece sobre o amor, mesmo que seja apenas para oferecer uma gota de amizade, um ouvido atento e confiança, e as crianças percebem isso. Lembro-me de uma experiência em uma escola onde os alunos se recusavam a participar da aula, então decidi começar pelos princípios básicos da escuta, do respeito e da amizade. Cada um tem a tarefa de semear o bem com seu próprio compromisso responsável e, como nos lembra São Francisco, o trabalho, como graça, deve ser vivido com "fidelidade e devoção" (Rb 5,1), isto é, com amor e fé. Dou graças a Deus, Pai bom e providencial, que me concedeu este dom.

5ª Momento: PAZ

Do Testamento de São Francisco (Testamento 23)

O Senhor me revelou que devemos dizer esta saudação: "Que o Senhor vos dê a paz!"

Narrador: A paz é um dom de Deus, mas também exige o nosso compromisso. Não basta rezar por ela: devemos buscá-la e construí-la todos os dias. São Francisco compreendeu isso muito bem e fez da paz parte de sua missão, levando-a a povos divididos, rezando por cidades em conflito e abrindo-se ao diálogo com todos, até mesmo com o Sultão. A paz nasce de um coração reconciliado, guiado pelo Espírito; ela se fundamenta na verdade, na justiça, no amor, no diálogo, na reconciliação e na liberdade. Francisco compreendeu que Jesus nos dá a sua paz, diferente da paz do mundo, e que nos chama a sermos seus artífices: homens e mulheres que, com gestos simples do dia a dia, constroem fraternidade, perdão e esperança. É por isso que ele nos confia esta sua vontade.

Da Lenda dos Três Companheiros

[3Comp 58]

Era seu desejo ardente que tanto ele quanto os irmãos abundassem nas boas obras pelas quais o Senhor é louvado. E disse-lhes: "A paz que proclamais com os vossos lábios, que ela cresça ainda mais em vossos corações. Não provoqueis a ira ou escândalo a ninguém, mas que todos sejam atraídos à paz, à bondade e à harmonia pela vossa mansidão."

Narrador: Ouçamos agora as palavras do Irmão Roberto Genuin, Ministro Geral dos Frades Menores Capuchinhos.

Contribuição do Irmão Roberto Genuin, OFM Cap.

Em seu Testamento, Francisco recorda a missão que recebeu do Senhor: "O Senhor revelou-me que devíamos dizer esta saudação: 'Que o Senhor vos dê a paz'." É muito mais do que um desejo ou uma saudação formal; é um programa de vida e um compromisso com a evangelização. No início de sua nova vida, encontramos Francisco, aqui mesmo na Porciúncula, assistindo à missa. Ele ouve a mensagem evangélica dos discípulos, enviados para pregar, levando a saudação da paz aonde quer que fossem. Imediatamente, pede ao sacerdote que explique a mensagem que ouviu e exclama: "É isso que eu quero, é isso que eu peço, é isso que eu anseio fazer de todo o meu coração!". A saudação e a proclamação da paz são um mandato confiado aos discípulos, à Igreja — que Francisco sente com urgência e transmite a nós — e são também a saudação do Cristo Ressuscitado dirigida aos discípulos num tempo em que estavam "fechados pelo medo", combinando essa saudação com a tarefa da reconciliação. Esta é a chave para a construção da paz: a coragem do perdão, da reconciliação e da misericórdia. Francisco é portador de um dom que vem do alto, do Senhor, e tem consciência de ser seu canal. Aprendamos também nós a sermos agentes e portadores da paz, especialmente quando se faz necessária a coragem evangélica da aparente futilidade.

Um globo terrestre, simbolizando a família humana e nossa casa comum, é carregado por cinco jovens representando a grande Família Franciscana e os cinco continentes do mundo. Ao colocar o globo em um lugar de honra, os nomes dos países que atualmente sofrem com guerras e conflitos também serão exibidos.

Narrador: "Amai os vossos inimigos", diz o Senhor, um mandamento exigente, um caminho estreito, mas nobre, para a paz. Muitas vezes nos sentimos frágeis, incapazes de amar verdadeiramente. No entanto, como nos lembra Dorothy Day, mesmo quando nossos corações parecem vazios, mesmo quando acreditamos não ter amor para dar, basta tentar, perseverar, desejar: o amor, da ficção, torna-se realidade. Aqueles que escolhem amar, logo aprendem a amar de verdade.

Hoje, enquanto nossos olhos contemplam imagens de guerra e dor, queremos erguer o olhar e sonhar com a paz. Queremos acreditar que gestos de bondade e reconciliação podem reconstruir a humanidade ferida. Unamos, então, nossos corações e nossas vozes em uma única súplica ao Senhor, para que Ele nos conceda a paz, a verdadeira paz, nascida do amor.

Com as palavras da Igreja, juntos, oremos:

Gesto simbólico: Leitura da oração pela paz.

6ª Momento: A BÊNÇÃO

Narrador: Que o Senhor vos abençoe e vos guarde! Que alegria ouvir estas palavras sobre a nossa própria vida; que dom poder dirigi-las a outra pessoa. Sabemos abençoar a nossa própria história e a dos outros com sinceridade e serenidade? O segredo da vida de São Francisco foi Jesus Cristo, pobre e crucificado. Ele é o critério, Ele é quem nos ensina a purificar os nossos corações e o nosso olhar sobre tudo o que existe, porque foi criado por um ato de imenso Amor. Cada ser vivo é único e irrepetível. Cada existência carrega em si uma semente de luz para abençoar e iluminar o mundo inteiro.

Do Testamento de São Francisco (Test 40-1)

E quem observar estas coisas, seja cheio no céu da bênção do Pai Altíssimo, e na terra da bênção de seu Filho amado, do Espírito Santo, o Paráclito, e de todos os poderes do céu e de todos os santos. E eu, pequeno Irmão Francisco, vosso servo, do pouco que posso, confirmo para vós esta santíssima bênção por dentro e por fora.

Da Segunda Vida de Tomás de Celano

[2Cel 216]

Então o santo ergueu as mãos para o céu, glorificando seu Cristo porque podia aproximar-se dele livremente, sem qualquer impedimento. Mas, para demonstrar que em tudo era um perfeito imitador de Cristo, seu Deus, amou seus irmãos e filhos, a quem amara desde o princípio até o fim. Chamou todos os irmãos presentes na casa e, procurando amenizar a dor que sentiam por sua morte, exortou-os com afeto paternal ao amor de Deus. Discorreu longamente sobre a virtude da paciência e a obrigação de observar a pobreza, recomendando o Santo Evangelho acima de todas as outras normas. Então, enquanto todos os irmãos se reuniam ao seu redor, ele estendeu a mão direita sobre eles e a colocou sobre a cabeça de cada um, começando pelo seu vigário: "Adeus", disse ele, "todos vós, meus filhos! Vivei no temor do Senhor e conservai-vos nele sempre! E, visto que se aproxima a hora da provação e da tribulação, bem-aventurados os que perseveram naquilo que empreenderam! Pois eu me apresso a Deus e confio todos vós à sua graça." E abençoou também todos os frades presentes, onde quer que estejam no mundo, e todos os que vierem depois deles até o fim dos tempos.

Narrador: Ouçamos agora as palavras de Frei Massimo Fusarelli, Ministro Geral dos Frades Menores.

Contribuição de Frei Massimo Fusarelli, OFM (em francês)

Queridas Irmãs, Queridos Irmãos,

Em seu Testamento, pouco antes de se despedir de seus irmãos, Francisco deixa aos seus seguidores as palavras de bênção que acabamos de ouvir.

A Bênção é o testamento espiritual que Francisco nos deixa. Ao pensarmos em sua maneira de abençoar, a palavra que nos é mais familiar é aquela dirigida a Frei Leão: "Que o Senhor vos mostre a sua face e vos dê a paz". A bênção — proferir o bem para afirmá-lo e fazê-lo frutificar — é uma dádiva divina que nos convida a encarnar-nos através da prática do bem. A primazia do bem está no cerne da visão franciscana da vida. Nosso mundo, aos olhos de Deus, é bom. Esse otimismo antropológico e criacionista não fomenta uma atitude ingênua em relação às trevas, mas, ao contrário, nos conduz a uma vida mais plena e nos convida a revelar o bem inerente a cada criatura. Francisco reconhece na bênção a própria presença de Deus, que é o Bem, todo o Bem, o Bem Supremo. Neste ano do centenário, acolhamos a bênção de Francisco como um convite a nos tornarmos nós mesmos uma bênção para o mundo.

Narrador: Quando falamos de bênção, referimo-nos precisamente ao fluxo constante de amor e bondade que Deus derrama em nossas vidas e no mundo. Para melhor compreender e vivenciar em primeira mão como essa bênção se manifesta e opera em nossas vidas, tornando-se um sinal de esperança e uma fonte de alegria, recorreremos agora ao testemunho direto de uma de nossas irmãs, Irmã Maria Benedetta, do Mosteiro de Santa Lucia em Foligno.

Testemunho da Irmã Maria Benedetta, OSC, do Mosteiro de Santa Lucia em Foligno (Itália):
"Bendito seja o Deus e Pai de nosso Senhor Jesus Cristo, que nos abençoou com todas as bênçãos espirituais nas regiões celestiais em Cristo. Ele nos escolheu nele antes da fundação do mundo, para sermos santos e irrepreensíveis diante dele em amor."
(Ef 1,3-4)

Esta Palavra, que a Liturgia das Horas nos propõe semanalmente, há muito me desafia, me acompanha e penetra profundamente em mim, na maravilha de me reconhecer dentro dessa bênção de Deus. Sim, desde o princípio, Ele tem falado bem de mim em minha vida! E Ele cumpre o que diz, porque é fiel à Sua Palavra! Tenho me tornado cada vez mais consciente disso, com admiração e gratidão, reconhecendo Sua fidelidade e experimentando-a em minha própria vida.

Em uma ocasião específica, dentro de um relacionamento significativo que havia conhecido anos de sofrimento e separação, a reconciliação estava acontecendo. Um momento que o Senhor havia preparado até os mínimos detalhes, eu diria infinitesimais. Naquele instante, os presentes sugeriram que eu pedisse uma bênção. Assim que a recebi, ofereci-a em troca.

Ao traçar aquele sinal da cruz em minha testa, senti não apenas o desatar, mas a dissolução de todos aqueles nós acumulados ao longo dos anos. A partir daquele momento, um novo relacionamento, curado, começou. Uma bênção é um dom gratuito. E é precisamente esse dom gratuito que me permite dá-la a todos e, acima de tudo, bendizer a Deus, porque somente Ele é fiel.

Conclusão e Bênção Final

O ponto culminante da jornada será a Porciúncula, que neste contexto assume o significado de um "túmulo vazio", semelhante ao de Jesus. Este gesto poderoso testemunha a experiência pascal vivida por Francisco, seu compromisso pleno com Cristo e nosso chamado a sermos herdeiros desta experiência de morte e ressurreição.

Narrador: Este rito de abertura não é simplesmente uma comemoração, mas uma experiência imersiva que convida cada participante a fazer seu o Testamento de São Francisco, levando ao mundo os valores da pobreza, fidelidade, fraternidade, trabalho honesto, paz e bênção, no espírito de um homem que foi e continua sendo um "homem de paz, irmão de todos". Ouçamos agora as palavras finais de Sua Excelência Monsenhor Domenico Sorrentino.

Comentários de Sua Excelência Monsenhor Domenico Sorrentino, Bispo da Diocese de Assis – Nocera Umbra – Gualdo Tadino e Foligno

"Eis que, Pai, deixo o mundo e vou para Cristo" (1Cel 220: FF 815). Francisco, logo após sua morte, dirigiu-se assim em um sonho ao seu bispo, Guido II, que estava em Benevento a caminho de volta de uma peregrinação ao Santuário de São Miguel em Gargano. Guido o acolhera em sua casa entre agosto e setembro, antes de o Santo decidir descer à Porciúncula para seu último suspiro. Eram dias de intimidade entre o bispo e o Padre Seráfico, que no ano anterior havia facilitado sua reconciliação com o prefeito de Assis. Guido certamente não teria partido em peregrinação sem o incentivo do Santo, um devoto de São Miguel. Durante aqueles meses de verão de 1226, o bispado

foi a enfermaria do Santo e um lar compartilhado, o lugar de uma verdadeira família espiritual, entre o Bispo Guido, Francisco e seus filhos. Nesse mesmo bispado, vinte anos antes, quando morrera para o mundo por Cristo, outro bispo, Guido, agira como um pai para ele. O próprio Santo recorda: *“No início da minha nova vida, quando me separei do mundo e do meu pai terreno, o Senhor colocou a sua palavra nos lábios do Bispo de Assis. Por esta razão [...] desejo amar, venerar e considerar como meus senhores não só os bispos, mas também os humildes sacerdotes”* (CAss 58: FF 1586). Palavras que ecoam no Testamento (FF 112-113). Ensina-nos novamente, Francisco, neste ano especial, o amor a Jesus, nosso Senhor nu e crucificado, e o amor à Igreja, sua Esposa e nossa Mãe.

Segue-se a despedida. Os ministros e o bispo, estendendo as mãos, dizem diante da Porciúncula:

O Senhor esteja convosco.

O povo responde:

Ele está no meio de nós.

Os ministros e o bispo abençoam o povo:

O Senhor vos abençoe e vos guarde.

A/. Amém.

Que Ele faça resplandecer o seu rosto sobre vós e vos conceda a sua graça.

A/. Amém.

Que Ele volte para vós o seu rosto e vos dê a sua paz.

A/. Amém.

E que a bênção de Deus Todo-Poderoso, Pai, Filho e Espírito Santo, desça sobre vós e permaneça para sempre.

A/. Amém.